

HISTORIA DE VIDA DE UMA SOCIEDADE NO COTIDIANO DAS MULHERES SIMPLES

***Autora:**

Nome: Cleonice Dias dos Santos - Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP e Assistente Social na Assessoria Técnica Ambiente Arquitetura.

Instituição: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC/SP

Vínculo: Estudante/Pesquisadora

***Autor:**

Nome: Ricardo Gaboni

Instituição: Ambiente Arquitetura/Arquiteto e Urbanista

Eixo temático: S11.16 Saberes e práticas em torno aos serviços sociais “Novas construções do Trabalho Social no marco das realidades locais e globais”

Trabalho elaborado para apresentação no 8º Congresso Conselho Europeu de Pesquisas Sociais na América Latina, organizado pelo Instituto de Ibero América, Universidade de Salamanca, que será celebrado em Salamanca, de 28 de junho a 1º de julho de 2016”.

RESUMO:

Para compor o presente trabalho objetiva-se realizar reflexões acerca das experiências profissionais vivenciadas no cotidiano durante atuação junto à movimentos de moradia em projetos de Habitação de Interesse Social. Visando contribuir na reflexão parte-se da experiência da atuação profissional por meio da assessoria técnica Ambiente Arquitetura junto à União dos Movimentos de Moradia de São Paulo (UMM-SP).

Na primeira parte do trabalho buscamos contextualizar pela perspectiva marxista, a questão das influências das ideologias burguesas presentes nas relações sociais do cotidiano. Na segunda parte, tratamos de focar na história da sociedade brasileira com vistas à reflexão acerca dos elementos ideológicos do país.

Já na última parte do trabalho, buscamos refletir do leque de possibilidades que cotidiano apresenta aos profissionais de Serviço Social.

Para a reflexão, buscamos estudar os depoimentos de quatro mulheres que compõem as famílias atuantes na União dos Movimentos de Moradia de São Paulo e que participam das atividades do trabalho social em projetos de Habitação de Interesse Social conjuntamente com assessoria técnica Ambiente Arquitetura.

Palavras chaves: participação, trabalho social, movimentos, construção coletiva, mulheres.

ABSTRACT

To compose this work the objective is to make reflections about the professional experiences of daily life during the performance with the housing movements in housing projects of social interest. To contribute in the reflection it is part of the experience of professional practice through technical assistance Environment Architecture with the União dos movimentos de Moradia of St. Paul (UMM-SP).

In the first part of the work we contextualize the Marxist perspective, the question of the influence of bourgeois ideologies present in everyday social relations.

In the second part, we try to focus on the history of Brazilian society with a view to reflection on the ideological elements of the country.

In the latter part of the work, we consider the range of possibilities that daily life presents to professional social work.

For reflection, we seek to study the testimony of four women who make up the families active in the Union of Housing Movements of São Paulo and participate in activities of social work in social housing projects in conjunction with technical advice Environment Architecture.

Key words: participation, social work, movements, collective construction, women.

UM OLHAR ATENTO NA BUSCA POR DISMISTIFICAR IDEOLOGIAS

Não é novidade que o desenvolvimento do sistema capitalista é o grande causador das problemáticas sociais na sociedade, onde as pessoas vivem em um mundo cheio de sofrimento e desafios impostos pelos processos de globalização.

O sistema capitalista necessita produzir o novo rapidamente para se manter e as relações humanas passam a ser coisas, são consideradas mercadorias. As pessoas ficam mais voltadas ao individualismo.

A globalização impõe ao Homem, a ideologia burguesa, culpabiliza o indivíduo por seu fracasso ou “conquista” de objetivos e sonhos muitas vezes relacionados ao consumo (desejo provocado ao homem pela ideologia capitalista), além de criar nos indivíduos um mundo de ansiedades.

Segundo Barroco, há uma ideologia posta como exigência para o consumo de objetos que acaba criando outras necessidades, e “ao estabelecer mediações de valor com os objetos, subverte motivações e exigências morais que são incorporadas à lógica mercantil. A mercantilização da moral é reproduzida pelo indivíduo singular, no âmbito da vida cotidiana” (2010:160) O autor José de Souza Martins vai dizer que a existência do homem simples:

É atravessada por mecanismos de dominação e de alienação que distorcem sua compreensão da História e do próprio destino. Todos nós somos esse homem simples que não só luta para viver a vida de todo dia, mas que luta também para compreender um viver que lhe escapa por que não raro se apresenta como absurdo, como se fosse um viver destituído de sentido. (MARTINS 2015: 09)

É importante compreendermos, na perspectiva marxista a mulher, o homem enquanto um ser real, dinâmico e social inserido em determinados contextos sociais históricos construídos pela relação do homem com a natureza. Para Marx (2012: 347), a relação do ser que vive em sociedade é diferente dos outros seres da natureza, pois o homem é construído historicamente e dialeticamente.

Também é fundamental compreender a ontologia do ser social e para tal, é importante conhecer as relações sociais determinadas pelo modo de produção capitalista. Assim sendo, segundo essa perspectiva, o homem se forma a partir de suas condições materiais, ou seja, forma-se na objetividade do trabalho.

Para que o homem possa construir sua história ele necessita ter condições para tal. O trabalho é a expressão da liberdade e a forma do homem criar sua própria existência.

O modo capitalista se apropria da mão de obra dos trabalhadores para a produção de diversidade de riquezas as quais, nem todas as pessoas podem se apropriar e ter acesso a esses mesmos bens que produziu. O autor José Paulo Netto, indica esse processo como uma inversão de valores:

Em determinadas condições histórico-sociais, os produtos do trabalho da imaginação humanos deixam de se mostrar como objetivações que expressam a humanidade dos homens [...]. Entre os homens e suas obras, a

relação real, que é a relação entre criador e criatura, aparece invertida- a criatura passa a dominar o criador. (NETTO: 2012: 56)

Na sociedade capitalista, aprendemos que o indivíduo é um ser social, que a moral é uma produção social que atende a determinados interesses e que ao longo da história as relações sociais e os indivíduos se transformam. De acordo com a organização na sociedade é que os valores são aprendidos. Somos sujeitos históricos e:

Os homens são os produtores de suas concepções, ideias etc. – homens reais, ativos, tal como são condicionados por um desenvolvimento determinado das forças produtivas e da interação correspondente a estas, até suas formas mais avançadas. A consciência nunca pode ser outra coisa senão existência consciente, e a existência do homem é seu processo de vida real. (MARX E ENGELS 1999:36-37)

Segundo Marx (1999:37), a moral é uma forma de consciência própria a cada momento determinado do desenvolvimento da existência social. É o ser social que expressa a consciência social.

Todos os valores de uma sociedade, inclusive os morais são determinados pelas condições e necessidades econômicas da mesma. A organização social de normas é uma das formas desta objetivação que regula o comportamento social do homem.

Se compreendermos que ideologia é o conjunto de ideias políticas, de valores determinados por uma sociedade, fica difícil imaginar como seria o mundo sem ideais ou pessoas que os defendam.

A ideologia tem função, como por exemplo, manter a dominação de classes, produzindo explicações que “amenizem” as diferenças sociais evitando conflitos de classes, e também dar-lhes uma aparência de que não há contradições.

A sociedade capitalista não nega as desigualdades sociais, até porque estas são bastante visíveis e seria ingenuidade conduzir por este caminho, mas a ideia é naturalizar essas situações.

As pessoas são levadas a acreditar que as diferenças sociais existem não em função da divisão de classes, mas em decorrência do esforço pessoal e da capacidade individual das pessoas. Fundamentadas nesta visão, naturalizam a existência de classes sociais e os indivíduos das diferentes camadas sociais são levados a aceitar as condições em que vivem sem pretensões de transformá-las, até mesmo sem levar em conta as contradições sociais do meio em que estão inseridos.

As ideias (Gedanken) da classe dominante são em cada época, as ideias dominantes (...). As ideias dominantes nada mais são do que a expressão ideal das relações que tornam uma classe a classe dominante; portanto, as ideias de sua dominação. Os indivíduos que constituem a classe dominante possuem, entre outras coisas, também a consciência e, por isso, pensam. (MARX E ENGELS 1999: 72)

As ideologias estão ligadas aos sistemas teóricos (políticos, morais e sociais) criados pela classe social dominante. Segundo Chauí:

Um dos traços fundamentais da ideologia consiste, justamente, em tomar as ideias como independentes da realidade histórica e social, de modo a fazer com que tais ideias expliquem aquela realidade, quando na verdade é essa realidade que torna compreensíveis as ideias elaboradas. (CHAUI, 1980:5)

Presentes nas ideologias há diversos campos em que estas podem se reproduzir, como por exemplo, as religiões, família, trabalho, meio de comunicação etc. Um bom exemplo disso são as religiões que também contribuem para manter a dominação burguesa, já que historicamente reproduzem ideologias de conformismo e ao mesmo tempo alienantes: “Confie no senhor de todo o seu coração e não se apoie em seu próprio entendimento” (Provérbios 3:5).

Como observamos na frase acima, o indivíduo é induzido a apenas confiar nas informações que lhe são passadas, sem questionar ou mesmo ir a favor de sua própria compreensão de “mundo”.

A ideologia capitalista fomenta a injustiça social na medida em que é fundamentada na exploração das classes dominadas, criando mecanismos de dominação e de controle social que impedem as classes dominadas de reagir. Por isso, é fundamental que sejamos capazes de interpretar a realidade no cotidiano identificando estes mecanismos, ter visão crítica, cultivar conhecimentos e habilidades de investigação e com engajamento político para desmistificar os fundamentos da ideologia capitalista e traçar estratégias de luta para a superação das desigualdades e enfrentamento da luta de classes.

HISTORIA E SOCIEDADE: UM OLHAR PARA REALIDADE BRASILEIRA

Para compreendermos a história da sociedade brasileira e as questões ideológicas, considera-se fundamental embasar as reflexões nos estudos e interpretações marxistas. Conforme Ianni:

Nas interpretações Marxistas da história da sociedade brasileira, lida-se principalmente com as relações, os processos e as estruturas que constituem as configurações sociais de vida. Configurações que se expressam em realidades sociais, econômicas, políticas, culturais e outras, conforme a época e o lugar, a pompa e a circunstâncias. (IANNI 1992:52)

Para o autor, a historia brasileira tem um diferencial, ela apresenta uma série de rupturas, desde o fim do período colonial e segue em direção a constituição de uma nação articulada por vínculos de solidariedade no interior de uma cultura comum. Como esse processo não está concluído, a nação ainda não está completamente formada.

Ainda segundo o autor, esta interpretação revela a articulação entre presente e passado como espaço onde diversos grupos podem resgatar o passado e pensar no futuro. Isso indica que a história se modifica com as alterações das forças predominantes na sociedade e presentes no cotidiano.

A autora Chauí (2001) vai dizer que “somos um povo novo, formado pela mistura de três raças valorosas: os corajosos índios, os estoicos negros e os bravos e sentimentais lusitanos”. (CHAUÍ 2001:03)

Aprendemos também que nossa história foi escrita sem derramamento de sangue, com exceção de nosso Mártir da Independência, Tiradentes; que a grandeza do território foi um feito da bravura heróica do Bandeirante, da nobreza de caráter moral do Pacificador, Caxias, e da agudeza fina do Barão do Rio Branco; e que, forçados pelos inimigos a entrar em guerras, jamais

passamos por derrotas militares. Somos um povo que atende ao chamamento do país e que diz ao Brasil: “Mas se ergues da justiça a clava forte/ Verás que um filho teu não foge à luta/ Nem teme quem te adora a própria morte. (CHAUI 2001:03)

No cotidiano que conhecemos e experimentamos a presença de representações que muitas vezes nos levam a acreditar na homogeneidade da nação e do povo brasileiro. O povo brasileiro muitas vezes é visto como um povo pacífico, sensual, que está sempre alegre mesmo com todo sofrimento que vive e carrega consigo, um povo acolhedor. Tais representações permitem, segundo Chauí (2001) “que uma sociedade que tolera a existência de milhões de crianças sem infância e que, desde seu surgimento, pratica o apartheid social possa ter de si mesma a imagem positiva de sua unidade fraterna” (p.05).

O povo brasileiro foi influenciado por idéias introduzidas no país historicamente, ideias como a do patriotismo, ou a “superioridade divina” se utilizando de frases como “O Brasil é um país tropical, abençoado por Deus” ou “Deus é brasileiro”. O sentido que essas ideias transmitem é que não há com que se preocupar, afinal, a natureza e Deus estão presentes na vida do povo brasileiro. A verdade é ocultada para atender os interesses mercantis. Chauí vai denominar a construção desses processos de “mito fundador”:

São invenções históricas e construções culturais. Sem dúvida, uma terra ainda não vista nem visitada estava aqui. Mas Brasil (como também América) é uma criação dos conquistadores europeus. O Brasil foi instituído como colônia de Portugal e inventado como “terra abençoada por Deus”, à qual, se dermos crédito a Pero Vaz de Caminha, “Nosso Senhor não nos trouxe sem causa”, palavras que ecoarão nas de Afonso Celso, quando quatro séculos depois escrever: “Se Deus aquinhoou o Brasil de modo especialmente magnânimo, é porque lhe reserva alevantados destinos”. É essa construção que estamos designando como mito fundador (CHAUI 2001:57-58)

A situação do Brasil é explicada em muitos momentos, pela lógica da histórica teológica ou providencialista, “isto é, da história como realização do plano de Deus ou da vontade divina” (Chauí,2001 p.71) e pela representação de que os governantes são soberanos. Também a relação que se tem hoje entre a população e os representantes de governo nas chamadas “relações de favores” vem das ideias construídas historicamente, “a política se oculta sob a capa da representação teológica, oscilando entre a sacralização e a adoração do bom governante e a satanização e a execração do mau governante”. (CHAUI, 2001: 98)

O mito fundador oferece um repertório inicial de representações da realidade e, em cada momento da formação histórica, esses elementos são reorganizados tanto do ponto de vista de sua hierarquia interna (isto é, qual o elemento principal que comanda os outros) como da ampliação de seu sentido (isto é, novos elementos vêm se acrescentar ao significado primitivo). Assim, as ideologias, que necessariamente acompanham o movimento histórico da formação, alimenta-se das representações produzidas pela fundação, atualizando-as para adequá-las à nova quadra histórica. É exatamente por isso que, sob novas roupagens, o mito pode repetir-se indefinidamente. (CHAUI 2001:07)

Observa-se no contexto de construção da sociedade brasileira, a presença de uma série de ideologias e distorções históricas as quais o povo é submetido no processo de formação social:

Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem segundo a sua livre vontade; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos. (MARX 2006: 01)

E qual é o espaço que se tem dentro da sociedade capitalista para tentar transformar essa estrutura desigual?

O COTIDIANO DAS MULHERES SIMPLES: TRABALHO TÉCNICO SOCIAL COM UNIÃO DOS MOVIMENTOS DE MORADIA E O DESPERTAR PARA AS LUTAS SOCIAIS.

Para um trabalhador social, é um grande desafio trabalhar com a preparação singular de pessoas vivendo na globalização, já que todos nós, historicamente sofremos influências de processos históricos culturais e de discursos ideológicos burgueses. Influências estas que estão presentes nas escolas, na mídia, nas relações de trabalho, etc.

Dentro deste contexto estão inseridos os trabalhadores sociais da Assessoria técnica Ambiente Arquitetura¹ que presta serviços à União dos Movimentos de Moradia de São Paulo (UMM-SP)² e também as famílias que participam das atividades planejadas por esses técnicos e as quais optamos, a partir das falas de três mulheres, contribuir nas reflexões acerca das questões que surgem no cotidiano profissional.

Todos nós estamos num processo contínuo de aprendizagem, assim como a realidade do trabalho integrado, realizado coletivamente entre os profissionais e as famílias que compõem a UMM-SP, que tem reconhecida relevância na construção da Política Habitacional.

Dessa forma, a prática profissional vivenciada no cotidiano dos movimentos de moradia apresenta desafios e possibilidades que ganham relevância na discussão dessas experiências e trazem elementos para a construção de conhecimento e que podem contribuir para uma reflexão crítica.

Parte-se da concepção de que o cotidiano é a dinâmica social na qual a vida se produz e reproduz em todos os seus sentidos e dimensões e que seu ritmo e suas especificidades são determinados pelas transformações do ser humano, tendo em vista os processos históricos que o constituem. Nas palavras de Heller “A vida cotidiana não está “fora” da história, mas no “centro” do acontecer histórico: é a verdadeira “essência” da substância social (2008, p. 34).

Na vida cotidiana, o ser humano realiza a sua própria existência e pode vir a constituir-se como sujeito autônomo através da efetivação de atividades fruidoras que elevam à dimensão humano-genérica na mesma medida em que pode constituir-se como ser limitado ao

¹ Fundada em 1992, presta Serviços técnicos (arquitetura, social e jurídico) especificamente à movimentos de moradia em projetos Habitação de Interesse Social com autogestão. Atua junto à UMM em âmbito nacional. Também faz parte da equipe da elaboração, execução avaliação e monitoramento do projeto de capacitação de lideranças financiado pela Fundação Ford.

² Fundada em 1987 com objetivo de lutar pelo direito à moradia, por reforma urbana e autogestão, é uma articulação de movimentos que atuam na área de favelas, cortiços, sem-teto, mutirões, ocupações e loteamentos e está organizada por regiões: norte, sul, leste, oeste e região central. Defendeu o direito à moradia, à cidade e à participação popular nas políticas públicas por meio da proposta autogestionária.

reduzir-se no exercício diminutivo das ações imediatistas e individualistas. Segundo Heller, a vida cotidiana:

[...] é a vida de todo homem. Todos a vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho intelectual e físico. Ninguém consegue identificar-se com sua atividade humano-genérica a ponto de poder desligar-se inteiramente da cotidianidade. E, ao contrário, não há nenhum homem, por mais “insubstancial” que seja, que viva tão-somente na cotidianidade, embora essa o absorva preponderantemente. (HELLER 2008: 31).

Durante o trabalho social realizado com as famílias das associações que compõem a UMM-SP, os técnicos buscam, antes de tudo, estudar e refletir acerca das experiências e situações que nos são apresentadas no cotidiano. Também busca-se pensar a prática, pois, “pensar a prática é a melhor maneira de pensar certo” (FREIRE 1976:11).

Diante do exposto, buscamos apresentar o relato de quatro mulheres participantes de três associações de luta por moradia: Família Feliz (Taboão da Serra), Associação dos Trabalhadores Sem Teto (Zona oeste de São Paulo) e Associação por Habitação com Dignidade (Zona Norte). Os critérios adotados para os relatos referem-se à:

- Participantes das associações mencionadas onde vem sendo realizado trabalho social pré-obra³
- Futuras (os) moradoras (os) de empreendimentos que utilizam recursos do programa Minha Casa Minha Vida Entidades⁴ quais os projetos arquitetônicos estão em processo de aprovação nos agentes públicos e financeiro.
- Participante das atividades propostas pelo trabalho social da Ambiente Arquitetura que optaram por relatar suas impressões nos momentos das atividades.

Não foi determinado participantes do sexo masculino ou feminino, mas, aqueles que quisessem contribuir nas trocas de aprendizados no momento de trabalho social.

Cada uma das mulheres que contribuíram ao debate, participa de projetos diferentes, porém com a mesma equipe social. Essas não fazem parte do grupo de coordenadores das associações.

Com objetivo de refletir acerca das ações proposta pelas técnicas sociais que compõe o quadro de equipe da Ambiente para o trabalho social, foi sistematizado os depoimentos fornecidos pelas participantes em atividades com os grupos.

Para cada atividade realizada pelas técnicas, o espaço foi aberto para aquelas (eles) que quisessem falar acerca de suas impressões das atividades.

O primeiro depoimento ocorreu em maio de 2015, após a equipe social apresentar, durante uma reunião, um vídeo com a temática: “a culpa é do outro”. A atividade foi realizada na Associação dos Movimentos dos Trabalhadores Sem Teto:

³ Trabalho social na etapa Pré-obra, é um processo previsto nas resoluções do PMCMV-E o qual antecede o momento de obra. A previsão de realização desse trabalho pelas resoluções é de três meses antes da obra, o que não ocorre nos trabalhos realizados junto as associações considerando que em alguns projetos o trabalho social pré-obra vem sendo realizado há mais de quatro anos com as mesmas famílias, enquanto aguardam aprovação do projeto urbanístico nos órgãos públicos e agente financeiro.

⁴ Trata-se de uma modalidade do programa Habitacional Minha Casa Minha Vida, lei nº 11.977 de 2009. O programa Minha Casa Minha Vida Entidades, está regulamentado pela Resolução 200/2013. Objetiva tornar acessível a moradia para a população cuja renda familiar mensal bruta não ultrapasse a R\$ 1.600,00 (mil e seiscentos reais), organizadas em cooperativas habitacionais ou mistas, associações e demais entidades privadas sem fins lucrativos visando a produção e aquisição de novas habitações, além da contratação de assessoria técnica.

Esse trabalho de hoje me faz pensar que quando você vai convivendo com as famílias e vai conhecendo a história de cada um, uns com mais dificuldade outro apenas procurando uma tranquilidade na vida e outras com muita mais muita dificuldade buscando qualidade de vida para sua família e seu futuro, você passa a querer estar ali, pois a nossa luta não é diferente uma da outra e com a união de todos, nós conseguimos o nosso objetivo. Com persistência e com a ajuda um do outro, pois sozinhos não conseguimos nada, então através do cotidiano e da convivência, nós vamos aprendendo um com o outro, isso nos faz nos envolver cada vez mais. E com isso vemos que não é simplesmente só moradia que está envolvido no processo. (Depoimento da participante 01. 2015)

O segundo depoimento surgiu após atividade realizada em junho de 2015 na Associação Família Feliz. O objetivo da atividade foi a realização de um curso apresentado pela equipe social.

A temática do curso buscou apresentar brevemente a formação histórica do Brasil, lutas dos movimentos sociais e direitos sociais. No momento de os técnicos escutarem as impressões dos participantes, uma das presentes relatou emocionada:

Eu hoje aprendi história e aprender história é importante porque do mesmo modo que eu não sabia que tantas pessoas lutaram por nossos direitos, um dia alguém vai me ver em minha casa e dizer “você tem um apartamento” e essa pessoa talvez nem vai saber também a luta que temos todos os dias para obter essa moradia. (...). Eu moro de favor, passei e passo por muitas dificuldades, mas aqui eu encontrei anjos que lutam para ter uma vida melhor como eu, um dia nós vamos ter dignidade. (Depoimento da participante 02. 2015).

Na mesma atividade e sequencialmente a este depoimento, outra participante nos diz:

Eu utilizo as palavras da colega ali, eu moro de favor, as vezes me sinto humilhada e sem dignidade, mas, hoje eu aprendi que posso lutar e que aqui tem outras pessoas que estão na mesma situação que eu, então eu não estou sozinha. (Depoimento da participante 03. 2015).

As necessidades em comum fazem com que as pessoas se identifiquem umas com as outras, conforme observamos nos três primeiros depoimentos. O sentimento de não estar só nas mesmas dificuldades parece despertar o desejo de luta. Martins, se utilizando das ideias de Heller nos diz que:

Só quem tem necessidades radicais pode querer e fazer a transformação da vida. Essas necessidades ganham sentido na falta de sentido da vida cotidiana. Só se pode desejar o impossível aquele para quem a vida já não pode mais ser manipulada. (HELLER 2015: 57).

O terceiro depoimento advém de atividades desenvolvidas na Associação por Habitação com Dignidade, após uma atividade que consideramos bastante complexa, pois é um momento onde são definidas as regras à serem cumpridas no desenvolvimento de trabalhos no processo de obra.

Nesse sentido, a equipe social, compreendendo que é uma opção da associação que haja regras para essas atividades, busca fomentar a participação de todas as famílias na discussão e decisão dessas regras para que não seja mantida apenas a vontade de uma minoria.

Avalia-se que foi um processo bastante participativo, já que as trezentas famílias puderam ler o documento, discutir com os demais em grupos menores e propor alterações em grupos maiores.

No momento de avaliar em conjunto as atividades (técnicos e famílias), os presentes foram convidados a manifestar suas impressões das atividades de debates que foi desenvolvida por dois meses com esse grupo.

A participante quatro, forneceu seu depoimento por escrito, após ser questionada se em algum momento do trabalho social a mesma compreende que houve um dia especial ou que a tenha “despertado” para a participação no movimento para além de sua moradia, a mesma salienta que:

Bom, esta foi difícil para mim, até porque não teve um dia especial, teve sim várias situações em muitos dias que me marcaram, por exemplo o dia em que as famílias nas reuniões com as comissões decidiram por voto que as reuniões seriam no CCJ⁵. O empenho que elas tiveram na elaboração do Regulamento de Obra, a maneira com que elas se apresentaram para trabalhar com os coordenadores nos dias de assembleia e demais trabalho, para mim mostra claramente que as coisas estão indo pelo caminho certo. E que mesmo que o percurso seja longo as pessoas estão dispostas a caminhar junto e isso é resultado de um trabalho de mostrar que elas são importantes e necessárias e não de impor a coisa. E isso se deve ao trabalho contínuo com o social onde as coisas são, na medida do possível, analisadas e as decisões tomadas pela maioria, não impostas. Para mim isso é o que mais chama a atenção na interação que se criou. (Depoimento da participante 04. 2015).

A participante quatro faz parte do grupo da comissão compartilhada, o qual se reúne quinzenalmente com a equipe social. É interessante observar que apesar de participar de todo o processo e também fazer parte do grupo das trezentas famílias que compõe os futuros moradores do conjunto habitacional, a mesma indica em seu depoimento que “elas”, as famílias, tomaram as decisões, votaram e tiveram empenho na elaboração de propostas.

É possível que esta fala venha da compreensão de que sua contribuição, ainda que não mencionada, nos trabalhos desenvolvidos com o grupo, também foi importante para que estes pudessem propor e executar atividades de forma autônoma. É importante perceber em sua fala, que ela valoriza e se identifica com a forma com que o grupo encaminhou as decisões.

A escolha do espaço de reunião por votação da maioria parece ter dado ao depoimento um ar de conquista participativa contra idéias impostas. Ainda que seja uma fala sobre a escolha de espaço, isso representa os desgastes da população com todo um processo de vida onde há sempre manipulação de interesses a favor de uma minoria:

E aí que o reencontro com as descobertas das orientações fenomenológicas ganha novo e diferente sentido. Pois, é no instante dessas rupturas do

⁵ (Centro Cultural da Juventude-Cachoeirinha). Os coordenadores da associação solicitaram ao grupo denominado de “ comissão compartilhada” composto por 40 pessoas que compõe um grupo maior de 300 famílias futuras moradoras do empreendimento Alexios Jafet (ainda não iniciado), que as reuniões com os técnicos sociais fossem realizadas dentro da sede da associação, assim, eles poderiam acompanhar, ainda que sem estar na atividade, o que estava sendo debatido. Ocorre que o espaço do CCJ contém todo equipamento necessário para as atividades, além de ser um espaço público o qual as famílias gostariam de usufruir. Nesse processo, o grupo (maioria) que vem participando de atividades com a equipe social decidiu conjuntamente em não atender à solicitação da coordenação (minoria), mantendo a utilização desse espaço para desenvolvimento das atividades.

cotidiano, nos instantes da invenção, da ousadia, do atrevimento, da transgressão. E aí a desordem é outra, como outra criação. Já não se trata de remendar as fraturas do mundo da vida para recriá-lo, mas de dar voz ao silêncio, de dar vida à história. (MARTINS 2015:57).

É um grande desafio para os profissionais atuar nesse cenário onde o desenvolvimento da globalização prega para o ser humano uma modernidade que não engloba as pessoas, mas ao contrário deixa ao Homem simples os problemas demandados por essa modernidade. A modernidade “mistificadora” faz com que o homem comum tenha que “descobrir e inventar caminhos para supera-las”. (MARTINS 2015: 20).

Compreendemos que os depoimentos dessas mulheres refletem a história de vida de uma sociedade que traz a marca de uma cultura que nos incentivam a consumir símbolos ao invés do que gostamos que visa nos alienar e, portanto, para rompermos com a alienação temos que conhecer a história por traz da história.

O cotidiano é um espaço rico para que nós, os profissionais, possamos coletar experiências e cabe ao assistente social “apoiar e/ou participar dos movimentos sociais e organizações populares vinculados à luta pela consolidação e ampliação da democracia e dos direitos de cidadania (Código de Ética do/a Assistente Social, 2012, p.24)

Também é fundamental capacitar-se para atuar no contexto de contradições econômico-sociais, tornando-se capaz de efetivar medidas eficientes para seu enfrentamento, tendo “compromisso com a qualidade dos serviços prestados à população e com o aprimoramento intelectual, na perspectiva da competência profissional” (Código de Ética do/a Assistente Social, 2012, p.24).

Por fim, compreendemos que apesar de termos a nossas raízes impregnadas de ideologias burguesas que tendem a nos convocar a alienação e ao individualismo, as questões que desenvolvemos nesse trabalho e que são relatadas nos depoimentos das famílias, são questões que se colocam contra a cultura hegemônica burguesa.

É valorizada uma construção coletiva das decisões e o aprendizado mútuo entre os envolvidos, em contraposição à cultura da competição, onde para um ganhar, o outro tem que perder. Neste caso, há um reconhecimento do trabalho social, o reconhecimento da identidade dos grupos, da busca por conhecimento e de que a união dos envolvidos é importante para a conquista dos direitos e dos interesses comuns.

REFERENCIAS:

- BARROCO, Maria Lucia S. **Ética: fundamentos sócio históricos**. 3 ed. – São Paulo: Cortez, 2010.
- BRASIL. **Código de ética do/a assistente social**. Lei 8.662/93 de regulamentação da profissão. – 10ª. Ed. rev. E atual. – [Brasília]: Conselho Federal de Serviço Social, 2012.
- CHAUÍ, Marilena. Brasil: **O Mito fundador e a sociedade autoritária**. 2001. Disponível em: http://www.usp.br/cje/anexos/pierre/brasil_mitofundador_e_sociedade_autoritaria_marilena_chau_i.pdf . Acessado em 24/06/15.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história** / Agnes Heller; tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. – São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- IANNI, Octávio. **A idéia de Brasil Moderno**. 1992. Editora Brasiliense. São Paulo, SP.
- MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples**. 2015. 3ª edição Editora Contexto. São Paulo, SP.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **O 18 de Brumário de Louis Bonaparte**. 2006. Obras Escolhidas. Edição dirigida por um colectivo composto por: José BARATA-MOURA, Eduardo CHITAS, Francisco MELO e Álvaro PINA. Edições Avantes. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1852/brumario/cap01.htm> . Acessado em 24/06/15.
- MARX, Karl; Engels, Friedrich. **A Ideologia Alemã** (I- Feuerbach). Tradução de José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. 10ª edição. Editora HUCITEC. São Paulo, 1999.
- MARX, Karl. **O leitor de Marx**. Org. José Paulo Netto. 2012. Editora Civilização brasileira. Rio de Janeiro
- NETTO, José Paulo; Braz, Marcelo. **Economia Política: Uma introdução crítica**. 8ª edição. São Paulo. Editora Cortez, 2012.
- PROVERBIOS. **Bíblia online**. Disponível em: <http://www.bibliaonline.com.br/acf/pv/1> consultado em 01/06/2015